

**FACULDADE PATOS DE MINAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

**ELIZETE RESENDE DE OLIVEIRA SANTOS**

**A CRIANÇA E SUA INSERÇÃO SOCIAL AO LONGO  
DA HISTÓRIA**

**PATOS DE MINAS  
2016**

**ELIZETE RESENDE DE OLIVEIRA SANTOS**

**A CRIANÇA E SUA INSERÇÃO SOCIAL AO LONGO  
DA HISTÓRIA**

Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Matemática apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito final de avaliação do curso de Licenciatura em Matemática.

Orientador: Prof.<sup>o</sup> Me Tulio Guimarães

**PATOS DE MINAS  
2016**

## ***DEDICATÓRIA***

*Dedico este trabalho aos amantes da educação e, principalmente, aos grandes amores da minha vida.*

*Eu sou criança. E vou crescer assim.  
Gosto de abraçar apertado, sentir alegria  
inteira, inventar mundos, inventar amores.  
O simples me faz rir, o complicado me  
aborrece.*

Fernanda Mello

# A CRIANÇA E SUA INSERÇÃO SOCIAL AO LONGO DA HISTÓRIA

Elizete Rezende Oliveira Santos\*

Túlio Guimaraes\*\*

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso objetiva realizar uma pesquisa criativa e rica de estratégias adequadas para que no processo de ensino aprendizagem exista a condição que leve a criança a viver e conviver em um mundo social mais saudável e agradável. Nesses parâmetros devem ser acrescidos valores, conceitos e conteúdo para essa aprendizagem. Este estudo é uma pesquisa qualitativa tendo como meta oferecer às crianças um universo infantil rico, dinâmico, estruturado no amor, no conhecimento de pais afetuosos. Uma educação em que a vida da infância se apoia no lúdico, inclusive para fazer correlação com a Matemática. A busca para este trabalho aconteceu através de bibliografia de autores atinentes à essa problemática e leituras em livros que continham esclarecimentos sobre a vida infantil desde a Antiguidade, sites e portais que apresentem o tema como o Scielo, o Bireme e outros que envolvam essa temática. A busca realizada orientou esse conhecimento e apontou para a evolução do tratamento oferecido às crianças no decorrer da história. Assim sendo o trabalho começou na Antiguidade e atravessou tempos medievais, modernos e contemporâneos realizando a evolução social e da aprendizagem infantil nos vários contextos principalmente da Matemática.

**Palavras-chave:** Criança. Aprendizagem significativa. Inserção social. Desenvolvimento infantil.

## ABSTRACT

This end of course paper aims to achieve a creative and exploratory research of suitable strategies to offer in the teaching and learning process that take the child to live in a healthier and more pleasant social world. These parameters must be increased by values, concepts and contents for the success of learning. This study is a qualitative research and its aim is to offer children a rich, dynamic, loving and caring environment. An education in which the childhood is supported by the leisure nature, including the mathematics field. The development of this work was based on authors who dedicate to this issue as well as the reading of books, which contained explanations about the childhood since the Ancient times, sites, and portals that present the issue such as Scielo, Bireme and others that address this issue. The

---

\* Aluna graduanda do Curso de Matemática da Faculdade Patos de Minas – FPM

\*\* Licenciado em Matemática pelo Centro Universitário do Cerrado – Patrocínio (UNICERP), Especialista em Geometria pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Mestre em Geometria Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

search achieved guided this knowledge and pointed to the evolution of the treatment offered to children along the history. Thus, the work has started in ancient times, crossed medieval, modern and contemporary times, carrying out the social and learning evolution of children in several contexts including mathematics.

**Key words:** Child. Meaningful learning. Social inclusion. Child development.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais antigos a educação infantil é muitas vezes esquecida pelos pais, educadores, e que foi só com a evolução social que a criança passou a ser considerada como parte essencial da família e da sociedade. Essa visão era diferente no mundo antigo e a criança era como se fosse um pequeno adulto ou um adulto miniaturizado. Ariès (1961) defendia a ideia de que o sentimento relacionado à criança era irrelevante.

Neste artigo é abordado o tema da falta de ternura para com a infância bem como era a formação da família neste tempo longínquo e a formação oferecida à criança que era entregue a outras pessoas para serem educadas. Assim, a educação grega: espartana ou ateniense eram diferenciadas mas influíram na educação romana e, mais tarde, na educação da idade média

O questionamento que se faz e que compõe os fatos históricos é: como se deu o desenvolvimento do universo infantil? Como esse universo se transformou em um mundo alegre, rico prazeroso? Como a Matemática encontrou seu espaço e através de técnicas pode trazer o conhecimento à criança? O que se sabe é que a Matemática já fazia parte da vida infantil, seja através de duas frutas, ou cinco bolinhas, enfim.

Foi assim que questionando, pesquisando sobre a busca da compreensão do evoluir da infância que se chegou a um conhecimento bem maior do que o que pode ser oferecido aqui em espaço tão pequeno. Tal fato, levou ao conhecimento da responsabilidade que esta abordagem trazia.

A vida infantil na Antiguidade, vida trabalhosa, sem afetos, conduziu o pensamento ao seguinte objetivo: evidenciar historicamente modos de ver a criança e relacionar com estratégias de aprendizagem.

Desta forma, este trabalho de conclusão de curso constitui-se uma pesquisa qualitativa, tendo como meta oferecer às crianças um universo rico, dinâmico,

estruturado no amor, no conhecimento de pais afetuosos. Uma educação em que a vida da infância se apoia no lúdico, inclusive para fazer correlação com a Matemática. A busca para este trabalho aconteceu através de bibliografia de autores atinentes à essa problemática e leituras em sites e portais que apresentem o tema como o Scielo, o Bireme e outros que envolvam esta temática.

Neste contexto este conhecimento está apresentado em seis capítulos: como segundo capítulo A situação da criança dentro da história iniciando no período da antiguidade abrangendo a Grécia (Esparta e Atenas), a Roma dos césores, pela Idade Média, idade Moderna até a contemporaneidade, em lances rápidos.

O terceiro capítulo: o papel da criança na Idade Média quando se percebe a indiferença com que era tratada e até mesmo esquecida.

O quarto capítulo A criança da Idade Media até a atualidade abrange uma época em que acontece uma evolução da maneira de ver, tratar e sentir a criança.

O quinto capítulo aborda a criança, o lúdico e Matemática focalizou a entrada mágica da criança no universo lúdico com o qual chegou à Matemática: brincando, realizando e encontrando suas buscas.

No sexto capítulo: A importância dos jogos lúdicos na educação infantil, manifesta que o lúdico, os jogos constituíram parte constante da vivência infantil, da representação simbólica das perguntas e respostas que fazem a vida ser prazerosa.

## **2 A SITUAÇÃO DA CRIANÇA DENTRO DA HISTÓRIA**

Na antiguidade não existia uma consciência do que era a criança ou não, estabelecia-se uma diferenciação da criança e do adulto. Ariès (1981) destaca bem esse pensamento quando sugere que

O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. (ARIÈS, 1981, p. 156)

O mundo antigo tinha uma visão diferente da sociedade. Assim sendo, a sociedade era composta por papéis e funções sociais diversas uma das outras. Isso ocorria devido à divisão da sociedade em classes sociais. Costa & Santa Barbara in Cambi (1999, p. 51) mostra que “a educação revelava a imagem de uma sociedade

nitidamente separada em dominantes e dominados, grupos sociais governantes e grupos subalternos”.

Destaca-se, desta forma, que o centro educacional era composto pela família. Seja na antiguidade ou na Idade Média, esse era o lugar de destaque na socialização infantil. O autor supracitado ainda salienta que “[...] é o primeiro regulador da identidade física, psicológica e cultural do indivíduo e age sobre ele por meio de uma fortíssima ação ideológica [...]” (CAMBI, 1999, p. 80).

Na História Antiga, a ênfase da educação estava centrada na “maneira de lidar com as crianças desde o século X A.C. até o século V da era cristã, passando pela educação clássica grega, sobretudo nas Cidades-estados de Esparta e Atenas e, por fim, em Roma” (COSTA & SANTA BARBARA, 2008)

## 2.1 Esparta

Um dos núcleos mais importantes da História Antiga era Esparta, cidade-estado, que valorizava as virtudes da guerra, conforme revelam Costa & Santa Barbara (2008). As crianças do sexo masculino eram retiradas de casa aos 7 anos e somente aos 16 anos terminavam aquele que era um período de educação militar. A instrução não enfocava a alfabetização. De acordo com E. Ponce (1981, p. 41), “era tal o desprezo que votavam a tudo que não fossem “virtudes” guerreiras, que os jovens estavam proibidos de se interessarem por qualquer assunto que pudesse distraí-los dos exercícios militares [...]”

Deste modo, Cambi (1999, p. 83) informa que Esparta,

[...] ao entrar em conflito com Atenas, na longa Guerra de Peloponeso (451-404 a.c), saiu enfraquecida e entrou em rápido declínio. Ainda que derrotada, Esparta manteve seus próprios costumes e ideais, mas, aos poucos, foi superada pela nova civilização, baseada no intercâmbio e na escrita. (CAMBI, 1999, p.83).

Como se pode constatar a guerra do Peloponeso foi longa, durou 27 anos e, ao final, apesar de Esparta sair vencedora dos embates bélicos ocorreu o extremo empobrecimento da população grega e a instalação da democracia em Esparta.

## 2.2 Atenas

A cultura ateniense inicia-se com Sólon, que proporcionou à Grécia uma constituição mais democrática, segundo Cambi (1999).

Afirma-se, assim, que a educação de Atenas era obtida na família e nas escolas, desta forma, Ponce (1981, p. 50) destaca que desde que “um homem cresce, e uma vez que as leis ensinam que existem deuses, não cometerá ele jamais qualquer ação ímpia, nem pronunciará discursos contrários às leis”.

Assim, a educação deveria ter como objetivo formar as crianças para serem futuros governantes e imprimir neles, o amor à pátria, às instituições e aos deuses, como enfatizam Costa e Santa Barbara, (2008, p.3).

Esparta era uma cultura de guerreiros e a educação ateniense passou para uma cultura de escritas. Quando as culturas espartana e ateniense conheceram-se a influência fez-se, e a educação espartana foi, aos poucos, perdendo seu militarismo. Os autores supracitados destacaram que “os atenienses foram os primeiros gregos que abandonaram seus antigos costumes de andarem armados, para adotarem um estilo de vida menos rústico e mais letrado Costa e Santa Barbara, (2008, p. 3)

A sociedade de Atenas buscava uma educação menos rígida, mais alegre e humana. Os meninos atenienses, aos sete anos, começavam a ser orientados por um pedagogo na escola. Eles estudavam música, artes plásticas, Filosofia etc. Também os exercícios físicos eram estimulados.

As meninas não iam à escola, eram orientadas por suas mães até casarem.

A educação ateniense preocupava-se com um equilíbrio entre mente e corpo, ou seja, a saúde física e o debate em filosofia

De conformidade com Abbagnano (1998), a Paideia estava ligada à cultura. A Paideia referia-se à educação humana individual [...] e indicavam com a palavra *humanitas*: “educação do homem como tal, ou seja, educação devida às ‘boas artes’ peculiares do homem, que o distinguem de todos os outros animais. As boas artes eram a poesia, a eloquência, a filosofia etc.[...]” (ABBAGNANO, 1998, p. 225). Com o passar do tempo, a educação ateniense torna-se mais abrangente, ou seja, passa a atingir o maior número possível

## 2.3 Roma

Na Roma antiga, o Direito Romano influenciou profundamente, na vida da família. Essa era, conforme afirma Tomás (2000, 69-70), “o núcleo social de caráter essencialmente econômico (pobreza e miséria) e político (questão do patrimônio)”.

Na Antiguidade, os romanos, expunham os bebês indesejados ao apetite dos animais da floresta, ou à bondade, ou interesse de pessoas que os encontrassem e se dispusessem a criá-los, como filhos ou como escravos (GUARINELLO, 2007).

O recém-nascido era entregue ou confiado a uma ama, a qual era responsável pela educação infantil, destaca o autor supracitado. Os rapazes eram os que recebiam a educação através de um “pedagogo” ou “amo” ou nutridor, ou tropheus que lhe ensinavam boas maneiras (ARIÈS, 1960)

Assim sendo, Ariès & Duby (2009) sugerem que:

[...] os pais e os professores romanos são conhecidos pela sua extrema severidade e era função da educação, pelo menos teoricamente, “temperar o caráter enquanto era tempo, para que os indivíduos pudessem resistir, quando adultos, ao micróbio do luxo e da decadência que, por defeito desses tempos, existia em toda a parte” (ARIÈS & DUBY, 2009:29).

Desta forma, enfatizam estes autores acima citados que:

[...] em Roma não se ensinavam matérias formadoras nem utilitárias, mas antes matérias prestigiosas e, acima de tudo, a retórica. Ao longo da história, só excepcionalmente a educação preparará a criança para a vida e será uma imagem da sociedade em ponto pequeno ou em gérmen; frequentemente, a história da educação é a das ideias existentes sobre a infância e não se explica pela sua função social (ARIÈS & DUBY, 2009:32-34).

Neste contexto, sobressai a desigualdade social que surge também na qualidade e igualdade da educação. Essa só era possível às classes altas, (GUARINELLO, 2007), os preceptores privados só existiam apenas para alguns grupos sociais, um dos sexos e nas cidades.

### **3 O PAPEL DA CRIANÇA NA IDADE MÉDIA**

A história da infância segundo o parecer de Corazza (2002, p.81) revela “um silêncio histórico, ou seja, uma ausência de problematização” decorrente de que não

existia esse período chamado de infância e nem a criança na sociedade ou na cultura desde a Antiguidade até à Idade Moderna.

No final da Idade Antiga ou da Antiguidade, “as crianças pobres eram abandonadas ou vendidas; as ricas enjeitadas - por causa de disputas de herança - eram entregues à própria sorte” (Roussel, s/d: 363).

Aquelas que eram pobres, assim que cresciam eram inseridas no mundo do trabalho, sem qualquer diferenciação entre adultos e crianças. As crianças nobres tinham seus educadores e eram vistas como miniaturas dos adultos e deveriam ser educadas para o futuro de transição para a vida adulta. (ANDRADE, 2010, 49).

Nos estudos realizados por Ariès (1960) tem-se uma importante referência à história da criança a partir da Idade Média, pois conduz ao entendimento de sua necessidade. Conforme o autor “na Idade Média, as crianças pequenas não tinham função social antes de trabalharem, sendo alta a taxa de mortalidade infantil”.

Com o advento do cristianismo e a realização da revolução pedagógica a criança torna-se reconhecida e, de acordo com Costa (2002, p. 17-18), “a ser valorizada como ser e recebesse uma orientação educacional direcionada e de cunho ético-integral”.

Nesse período do tempo, a Idade Média não era conhecida á data de nascimento das pessoas ou mesmo as fases que separam a vida em infância, adolescência, puerilidade etc. A idade não fazia parte da identidade medieval. De conformidade com Ariès (1981) essa ideia surgiu no século XIII. Estas fases que atualmente existem não eram especiais.

A vida era a continuidade inevitável, cíclica, uma continuidade inscrita na ordem geral e abstrata das coisas, mais do que na experiência real, pois poucos homens tinham o privilégio de percorrer todas as idades da vida naquelas épocas de grande mortalidade. (ARIÈS P., Família, 1978 p. 39)

Segundo a autora Kerr (2008, p. 1), o *status* da criança no mundo antigo quase inexistente, praticamente nulo. Sua vida estava dependente de seu pai: era rejeitada se fosse menina ou apresentasse problema físico. E Kerr (2008, p, 02) destaca que o destino da menina na suposição de que ela sobrevivesse, caso era abastecer os prostíbulos romanos e fazer parte da escravidão. “Até o final da

Antiguidade, muitas crianças pobres eram abandonadas ou vendidas; as ricas enjeitadas - por causa de disputas de herança” (ROUSSEL, s/d 363). Segundo (Costa, 2002, 17-18) precisava-se fazer `a revolução pedagógica levada a cabo pelo cristianismo para que a criança passasse a ser valorizada como ser e recebesse uma orientação educacional direcionada e de cunho ético-integral’

#### **4 A CRIANÇA DA IDADE MODERNA ATÉ A ATUALIDADE**

A importância da idade firmou-se através dos reformadores civis e religiosos no século XVI, que fizeram com que os documentos passassem a vigorar. Tal aconteceu nas classes mais ricas onde “móveis, retratos, diários de família apresentavam datas importantes” (COSTA, L. 2016, p. 1) e alçavam a elevados níveis a família assim representada.

Ressaltam-se as idades da vida na iconografia, principalmente, depois do século, sobretudo no séc. XIV até o século XVIII. As idades da vida correspondiam às funções sociais: era a idade dos brinquedos, idade da escola, idade do amor etc.

Tem-se a impressão, portanto, de que, a cada época corresponderiam uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a ‘juventude’ é idade privilegiada do século XVII, a ‘infância’, do século XIX, e a ‘adolescência’, do século XX.” (ARIÈS, 1978, p. 48).

Neste contexto, o ato de se exercer a educação apoiava-se no ser, “utilizado para a formação e amadurecimento do homem e a busca de sua consecução completa ou perfeita. Ele era uma passagem gradual da potência ao ato, da infância até a fase adulta” (ABBAGNANO, 2000, p. 306).

A evolução da importância da infância inicia-se a partir da mudança da visão desta criança de inexistente para adultos e miniatura. Nos séculos XIV, XV e XVI, em todos os aspectos a criança passou a assemelhar-se aos adultos até no tratamento a elas dispensado. Ser criança era um período breve da vida, pois logo misturavam-se aos mais velhos. Elas participavam de todos os assuntos da sociedade, adquiriam o conhecimento pela convivência social.

Neste contexto, misturava-se adultos, jovens e crianças em toda e qualquer atividade social: nos divertimentos, no exercício das profissões e nas tarefas diárias,

no domínio das armas, nas festas, cultos e rituais. Nessas celebrações não se fazia muita questão em distinguir as crianças dos jovens e estes dos adultos. E, Volpato, (2002, p.01) completa que os grupos sociais estavam pouco claros em suas diferenciações.

A mudança da ideologia da infância passa a acontecer a partir do século XVI ao século XVII quando passam a percebê-la como adulto. Neste contexto, o sentimento da infância nasce um tanto diferente. As crianças eram objetos lúdicos. “Um sentimento que poderíamos chamar de ‘paparicação’”, conforme Aries, (1981, p. 158).

O início da Idade moderna coincide com a vinda dos europeus para o Brasil e assim enterra-se o adulto anão. Faz-se uma nova ideologia da infância, surgindo a afirmação de construção social. Del Priore (2004, p. 111) retrata o sentimento de paparicação na época colonial brasileira dizendo:

[...] crianças pequenas, brancas ou negras, passavam de colo em colo e eram mimadas à vontade, tratadas como pequenos brinquedos. [...] As pequenas crianças negras eram consideradas graciosas e serviam de distração para as mulheres brancas que viviam reclusas, em uma vida monótona. Eram como que brinquedos, elas as agradavam, riam de suas cambalhotas e brincadeiras, lhes davam doces e biscoitos [...] (DEL PRIORE, 2004, 111)

A noção de infância firma-se como ideia e mais ainda após o surgimento do Iluminismo na Europa, inaugura a preocupação com esta questão por meio de estudos e pesquisas.

**O Iluminismo** foi um movimento intelectual que surgiu durante o século XVIII na Europa, que defendia o uso da razão (luz) contra o antigo regime (trevas) e pregava maior liberdade econômica e política. Este movimento promoveu mudanças políticas, econômicas e sociais, baseadas nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. (sohistoria, 2009 – 2016, cd)

Surgia a necessidade do novo homem. Para Ghiraldelli (2001) a escola entra com o papel fundamental de educá-las, de libertá-las da ignorância. Assim sendo, as instituições educativas seriam responsáveis por desenvolver o potencial dessas preparando-as para a vida e o trabalho. Neste período a criança era um animalzinho

de estimação, irracional, que vivia de acordo com os pensamentos e desejos dos outros. Não conseguiam perceber nelas a capacidade de pensar, querer e sentir.

Mesmo com a evolução já conquistada, ainda ocorria a divisão das classes sociais. “Havia uma separação entre filhos dos burgueses, que eram preparados para ocupar os altos cargos e os filhos de famílias pobres, que muitas vezes não chegavam a ir para escola” (SILVA, 2011, p 05).

Do século XVIII em diante, a educação dos filhos era feita pelas escolas. Os pais trabalham para os proprietários das indústrias e esse foi o recurso encontrado para poupar tempo. “As mulheres que trabalhavam em fábricas colocavam os filhos em casa de amas durante o dia, mas ia buscá-lo à noite, ao que parece” (BADINTER, 1985, p.34). Pode ser constatado que as modificações na ideologia da infância, escola e família acontecem com a cristianização dos costumes e valores dando origem à formação do homem moderno, enfatiza Silva (2011, p. 06). Como nos relata Gélis (2009):

Num clima de crescente individualismo, disposto a favorecer o desenvolvimento da criança e encorajado pela Igreja e pelo Estado, o casal [pai e mãe] delegou uma parte de seus poderes e de suas responsabilidades ao educador. Ao modelo rural sucedeu um modelo urbano, o desejo de ter filho não para assegurar a continuidade do ciclo, mas simplesmente para amá-los e ser amado por eles. (Gélis, 1991, 311-330)

Assim sendo, no século XIX, o conceito de criança torna-se mais firme, mais forte. O autor Del Priore (2004, p. 140) aponta que, “(...) já nas primeiras décadas do século XIX, os dicionários assumiram o uso reservado da palavra ‘criança’ para a espécie humana”. As crianças transformam-se no centro das atenções, tema e possibilidades de estudos e observações. Desta forma, a criança vai assumindo identidade, voz e estatuto legal. O autor enfatiza que surge a preocupação com a higiene e a saúde da criança. No Brasil, verifica-se esta inquietação acerca dessas atitudes, após a chegada da corte portuguesa ao país em 1808. Essa atitude deu às crianças maior chance de sobrevivência.

## **5 A CRIANÇA, O LÚDICO E A MATEMÁTICA**

As crianças vivem em um mundo do qual a matemática é parte inerente enfatizam Silva e Martins (sd). As crianças participam de uma série de situações envolvendo números, relações entre quantidades, noções sobre espaço, tais como contar bolinhas, pular amarelinha, fazer comidinha, corrida de carrinhos, ou mesmo coleções de objetos. Utilizando recursos próprios e pouco convencionais, elas recorrem a contagem e operações para resolver problemas cotidianos, como conferir figurinhas, marcar e controlar os pontos de um jogo, repartir as balas entre os amigos, mostrar com os dedos a idade, manipular o dinheiro e operar com ele etc.; entre outras atividades.

Fazer matemática é expor ideias próprias, escutar as dos outros, formular e comunicar procedimentos de resolução de problemas, confrontar, argumentar e procurar validar seu ponto de vista, antecipar resultados de experiências não realizadas, aceitar erros, buscar dados que faltam para resolver problemas, entre outras coisas. Dessa forma as crianças poderão tomar decisões, agindo como produtoras de conhecimento e não apenas executoras de instruções. (BRASIL, 1998, p. 2007).

A matemática, neste contexto, é elaborada por intermédio das formas interativas e do meio no qual se insere o mundo da criança. “As crianças têm e podem ter várias experiências com o universo matemático e outros que lhes permitem fazer descobertas, tecer relações, organizar o pensamento o raciocínio lógico, situar-se e localizar-se espacialmente” (KLEIN & GIL, 2012, p. 9).

Desta maneira, é construída manifestação lógico-matemática, fazendo surgir “manifestações de competências, de aprendizagem advinda de processos informais, da relação individual e cooperativa da criança em diversos ambientes e situações de diferentes naturezas” constata Klein & Gil, (2012, p.10). Para se exercer “a potencialidade e a adequação de uma dada situação para a aprendizagem, tecer comentários, formular perguntas, suscitar desafios, incentivar a verbalização pela criança etc.,” destacam as autoras acima citadas.

Pode-se nesse aspecto construir as práticas lúdicas no ensino matemático na educação infantil e no processo de desenvolvimento da criança, visando uma aprendizagem significativa e prazerosa. De acordo com Assiz et al (2014) será...

[...] à ludicidade como caminho para a aprendizagem e a construção do conhecimento através de brincadeiras, jogos e brinquedos. Sabe-

se que, por meio do brinquedo, a criança constrói o seu universo, manipulando-o e trazendo para a sua realidade situações inusitadas do seu mundo imaginário. Ensinar matemática é desenvolver o raciocínio lógico, estimular o pensamento, a criatividade e a capacidade de resolver problemas. (ASSIZ et al, 2014).

Uma das melhores atividades para desfazer bloqueios em relação à matemática são os jogos. Essa atividade conduz a uma maior confiança e o fim do temor com a matemática criando a procura de possibilidades mais modernas no desenvolver a motivação, a autoconfiança, organização, concentração, atenção, raciocínio e reflexão, fazendo melhorar o ânimo, aliando sentimentos, emoções e intuições. Para esses autores deve-se fazer da construção do conhecimento um ato prazeroso, elaborado de forma saudável.

O brinquedo, o jogo, o aspecto lúdico e prazeroso dos processos de ensinar e aprender são enfatizados por Kishimoto (1994, p. 134) destacando que tais atividades não são próprias da escola tradicionalista e a inclusão das atividades explorando o uso de jogos para se obter a menores dificuldades pois incentiva a criação “métodos e oportunidades que proporcionem um aprendizado matemático mais significativo de aprendizagem em seu contexto escolar” salienta Kishimoto (1994, p, 134).

Nesse contexto, compreende-se que o ato de “brincar” é parte do mundo infantil, para que as crianças, assim elas aprendem a se socializar com facilidade. A infância é a idade das brincadeiras” destaca a autora supracitada. O lúdico na matemática se constitui em uma das mais eficientes formas de envolvimento do aluno, pois executa-se a construção social da aprendizagem infantil. Assim a criança, com a introdução dos jogos matemáticos como recurso pedagógico, aprende brincando e o seu entendimento e compreensão torna-se mais fácil, principalmente quanto as regras.

As regras são de suma importância para a vida em sociedade, os conteúdos inclusive o lúdico fazem as crianças descobrirem...

[...] novas maneiras de aprendizagem como um processo interessante e divertido, proporcionando atividades interativas e desafiadoras podem ser ensinados por intermédio de atividades predominantemente lúdicas e incluir o lúdico no ensino da matemática, capazes de estimular as crianças a solucionar, explorar possibilidades e desenvolver noções matemáticas e raciocínio, utilizando os jogos como facilitadores, colaborando para trabalhar as

dificuldades apresentados pelas as crianças, criando métodos e por meio destes, desenvolver a sua capacidade de observar, descobrir e pensar, buscando dessa maneira formar sujeitos críticos e criativos, capazes de agir e saber que resolver um problema tão importante quanto saber a solução. (ASSIZ et al. 2014)

Compreende-se, portanto, que a matemática é extremamente lúdica. Ela conduz ao educador a percepção principalmente no que se refere à matemática como atividade que pode ser desenvolvida como sendo uma atividade lúdica

Isso acontece porque, o “lúdico na matemática tem por objetivo facilitar o conhecimento e o interesse do aluno, [...] e esclarecer que é possível aprender de forma lúdica, recreativa e divertida, contribuindo assim, para o aumento da criticidade, inventividade no ensino da matemática, esclarece Assiz et al,( 2014).

A visão de que o ensino de matemática requer contribuição de outras áreas de conhecimento e de que o fenômeno educativo é multifacetado é, para o professor de matemática, algo recente e, infelizmente, ainda pouco difundido e aceito. (ASSIZ et al. 2014)

## **6 A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS LÚDICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Diversos estudiosos e dentre eles Rizzi & Haydt (1998) da educação infantil e da importância dos jogos no desenvolvimento físico e mental ressaltam o valor dessa atividade na vida do ser humano. Esses autores de concepção piagetiana consideram que “o ato de jogar e de brincar ocorre desde os primeiros momentos de vida do indivíduo e faz parte do seu desenvolvimento global”. Eles consideram que “os jogos e as brincadeiras são mecanismos de aprendizado cognitivo e social, se caracterizando como um momento de descoberta da realidade por parte das crianças de maneira espontânea e expressiva”. (RIZZI; HAYDT, 1998)

Ao se conceituar jogos e brincadeiras, chega-se à conclusão de que é muito difícil definir essas palavras pois “são manifestações sociais e culturais adquirindo diversos significados “(BROUGÈRE,1999, KISHIMOTO 2000). Nesse contexto, não existe um consenso quanto a mais adequada definição, (LIRA & MATE, 2013). Fala-se de jogar e brincar ao que apresenta um conteúdo lúdico, continuam as autoras.

[...] os jogos e brincadeiras, dos mais diversos tipos, foram e são atividades presentes na vida de todos os seres humanos. Como práticas sociais, os jogos se modificam de acordo com a cultura e os costumes, estando, no entanto sempre presentes no cotidiano das pessoas, em especial das crianças. (HUIZINGA, 2001; BROUGÈRE 1999,2003)

Nos estudos de Rizzi e Haydt (1998), o aspecto lúdico do comportamento humano foi evidenciado de maneira instintiva e até mesmo anterior às influências culturais mais abrangentes do indivíduo. No entanto, o ambiente sociocultural e as relações com o meio são fortes mecanismos de interferência nas ações reflexas de ludicidade do ser humano.

Segundo Brougère (1999), o jogo “é considerado uma representação de aspectos da sociedade, associando a dimensão simbólica a funções específicas do convívio e desenvolvimento humano”. Kishimoto (2000) destaca o valor educativo e o uso dos jogos nas instituições, enfatizando que são elementos e práticas de ensino de diferentes conhecimentos e que apresentam para as crianças conteúdos diversos. Para a autora, deve-se usar o quebra –cabeça (números e cores), brinquedos de tabuleiro (tamanhos e formas), etc.

Ainda de acordo com Brougère (2001), “o discurso que atribui à brincadeira um valor educativo pode ser percebido na história e tem origem política e científica”. Tal acontece, porque no século XIX, muda-se a ideia do que seja a criança. Este movimento, transforma-a em um ser puro e bom e também esclarece o papel desempenhado pela brincadeira.

Neste contexto, os estudos da história principalmente da Educação e da Psicologia revelam que o jogo representa somente aquilo que a criança considera.

Até o início dos tempos modernos, tinha-se uma visão negativa de criança e, conseqüentemente, do jogo. “A partir do século XVII, esboçam-se novas características para a infância, as quais indicam a necessidade de sua educação” aponta Brougère (2001). Pensadores inúmeros se apoiam em Rousseau, “propõem a sujeição que aparenta liberdade por meio dos jogos”. Tal fato, mostra que para os jogos terem um valor educativo “foi preciso uma revolução do pensamento, principalmente, da representação de criança” (LIRA & MATE, 2013).

Após analisar o brinquedo, o brincar e o jogo a atenção foi centralizada “usos e discursos presentes na sociedade e na escola, e, buscando regularidades e mudanças de caráter histórico”, dizem as autoras acima citadas.

Buscando Inspiração em Foucault (2005), constata-se ser que os discursos falam das coisas, as criam, realizam os governos das sociedades, culturas e o próprio sujeito. E ainda sugere que Foucault, 2005 os discursos compõem definem e delimitam saberes.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi através deste trabalho de conclusão de curso que puderam ser percebidas as diversas transformações pelas quais a evolução da situação da criança foi se realizando no transcorrer do tempo. Era conhecido que o ser criança, ou a fase infantil, todos teriam que passar necessariamente. Com o perpassar da história e suas diversas fases, foi acontecendo uma mudança relevante na vida infantil.

Vivendo como ser que era entregue para servir, de aprendiz de profissão, ou melhor como um adulto miniaturizado percebe-se quanto esse pequeno ser se encontrava longe da infância. Quanto teria de evoluir ao longo dos séculos, para fazer parte do contexto social como ser criativo e dinâmico.

Neste contexto de ser ignorado, mesmo esquecido passou a ser paparicado. Daí constata-se que nessas mudanças as fases infantis foram também transcorrendo e se chegou à constatação de que se devia dar disciplina à criança.

Somente após a Revolução Industrial que se percebeu a que era primordial um lugar, uma instituição, mais seriamente uma escola que as crianças ficariam enquanto suas mães trabalhavam. Surgia assim a pré-escola, local que deveria cuidar e ensinar, maneira de dar um caminho para se sair da pobreza extrema.

Mesmo a pré-escola foi mudando ao passar o tempo o que gerou uma modificação evolutiva e se passou a utilizar técnicas como o lúdico na aprendizagem, principalmente da matemática

A ludicidade dos brinquedos serviu como recurso de aprendizagem da leitura da escrita e principalmente da matemática

Percebe-se, assim, que o saber da infância, do jovem ou do adulto tem um relacionamento com a vida já que perfaz o caminho que passa pela moral de cada um. O processo educativo não deve visar ao puro saber, e sim à vida que exige luta, energia e que o saber a ser elaborado deve ocorrer de suas crenças íntimas. Isso foi

revelado na história grego-romana e, a partir daí, se construiu-se uma estrada que trilhada ao longo dos séculos enfatizou o valor da criança trazendo-a para um universo mais feliz.

## 8 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Dicionário de filosofia. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

ANDRADE L B P. Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais São Paulo: UNESP, Cultura acadêmica . 2010.

ARIÉS, P. **L'Enfance et la vie familiale sous l'ancien régime.** Paris: Piou. 1960

\_\_\_\_\_, **História Social da Criança e da Família**, 1978.

\_\_\_\_\_. **História social da criança e da família.** 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARIÉS P. DUBY, G **História da Vida Privada 2.** Da Europa Feudal a Renascença Tradução Maria Lúcia Machado 1ª reimpressão> São Paulo. 2009.

ASSIZ, AS, et al. **A importância do jogo na aprendizagem da matemática e na Educação Infantil** OMEP/ BRASIL 2014

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRASIL. **Referencial Nacional para a Educação Infantil.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, vol. 1-3.

BROUGERE CAMBI, Franco. **História da pedagogia.** São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CORAZZA, S.M. Percurso pela história da criança. In: **Infância e educação.** Era uma vez... quer que conte outra vez? Petrópolis: Vozes, 2002.

COSTA, LP . SANTA BÁRBARA, RB . **A Educação da Criança na Idade Antiga e Média.** VII Jornada de Estudos Medievais. VI Ciclo de Estudos Antigos e Medievais do PR e SC. 2008.

COSTA, R. **"A Educação Infantil na Idade Média"** In: LAUAND, Luiz Jean (coord.). *VIDETUR 17*. Porto: Universidade do Porto / USP, 2002, p. 13-20.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005

GÉLIS, J. A individualização da criança. In: ÀRIES, Philippe; CHARTIER, Roger (orgs.). **História da vida privada**, p.315. São Paulo. Companhia das Letras, 2009, p. 305-320. (vol. 3 Da Renascença ao século das Luzes)

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **As Concepções de Infância e as Teorias Educacionais Modernas e Contemporâneas**. *educação e realidade* v. 26, n. 2, jul./dez. 2001

GUARINELLO N L. **Violência como espetáculo: o pão, o sangue e o circo**. *História*. v.26. n.1 Franca 2007.

HAYDT, R. C. **Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1995.

HUIZINGA HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

KERR, Elisa de Mello. **História Social da Infância e da Família segundo Philippe Àries**. 2008 <https://elisakerr.wordpress.com/crianca-rupestre/a-infancia-apos-a-idade-media/>

KLEIN, R. **Indicadores educacionais: disparidades regionais e sócias econômicas no Brasil**. In: BOMENY, H. (org.) *Avaliação e determinação de padrões na educação latino-americana: realidades e desafios* . Rio de Janeiro: FGV, 1997.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O jogo e a educação infantil*. In: KISHIMOTO, São Paulo, Cortez, 1996.

LIRA & MATE J OGOS E BRINCADEIRAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL entre o dito e o escrito. USP .São Paulo. *Currículo sem Fronteiras* , v. 13, n. 1, p. 5- 19, Jan. /Abr. 2013

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 2ed. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1981.

PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Crianças no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RIZZI, Leonor; HAYDT, Regina Célia. *Atividades Lúdicas na Educação da Criança*. São Paulo: Atica, 1998

ROUSSELL, Aline. "A política dos corpos: entre procriação e continência em Roma". In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (dir.). *História das Mulheres no Ocidente. A Antigüidade*. Porto: Edições Afrontamento / São Paulo: Ebradil, s/d, p. 3

SILVA Eduardo Rodrigues da contemporâneas A Criança, a Infância e a História. *Revista do Programa Alfabetização Solidária*, 2001. por 2011 p. 51-407. <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=368>

SILVA Anabela; MARTINS Susana. **Falar de Matemática Hoje é ... Disponível em:** [http://www.ipv.pt/millennium/20\\_ect5.htm](http://www.ipv.pt/millennium/20_ect5.htm) sd acessado em 28/07/2016  
Tomás Catarina Almeida. **Grécia:** Esparta e Atenas como modelos de educação  
Universidade da Beira Interior-Portugal

TOMÁS, C. **Ter e Não Deter o Direito de Audição**. Estudo de Caso no Colégio de São Fiel. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra. 2000.

VOLPATO, Gildo. **Jogo e brinquedo:** reflexão a partir da teoria crítica. Unimontes Científica. Montes Claros: Unimontes, v.3, n.3 , p , 2002.

**O ILUMINISMO - Pensadores e características. DISPONIVEL em** <http://www.sohistoria.com.br/resumos/iluminismo.php> cd Acessado em 15/05/2016

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter guiado meus passos e me amparado nos momentos em que as forças me faltaram, por ter tornado este ano que parecia apenas mais um ano difícil em um ano de aprendizado muito especial, não só nos estudos mas principalmente pelos aprendizados que tornaram a minha alma mais nobre.

A Prof<sup>a</sup> Me. Renata Ferreira dos Santos Oliveira, pelo valioso aprendizado no decorrer das aulas.

Ao meu orientador Prof<sup>o</sup> Me. Túlio Guimarães por todo auxílio não só pela ajuda na conclusão deste estudo, como também pela boa vontade.

Agradeço todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho, pois me deram mais forças para chegar até o final, aos amigos que fiz neste curso que carregarei sempre no coração.

Agradeço especialmente ao meu maravilhoso marido pelo apoio incondicional nas horas difíceis e pela compreensão da importância desta conquista em minha vida, ao meu filho Arthur, Luz da minha vida e ao Fábio pequeno raio de sol que Deus me enviou para tornar os meus dias mais iluminados.

Nem que eu buscasse as mais belas frases não encontraria palavras para agradecer a todos vocês